

Dossiê: Motricidade vital: eixos de um conhecimento – Editorial

Coletivo Motricidade Vital, agosto de 2021

Na edição número 46/47 da Revista Internacional d'Humanitats¹ (CEMOrOc / Univ. Autònoma Barcelona), de maio-dezembro de 2019, publicou-se o Dossiê de título “Motricidade, corporeidade, linguagem e educação”, ocasião que celebrou nossa primeira grande aproximação dos estudos coletivos de motricidade com as revistas do CEMOrOc.

Agora, com a criação do CoMoVi (Coletivo Motricidade Vital), os estudos avançaram nesse campo de conhecimento e, para nossa grande alegria, mas uma vez o CEMOrOc, com destaque especial ao Dr. Jean Lauand, acolheu o projeto de edição do Dossiê que recebe o título “Motricidade Vital: Eixos de um conhecimento”.

O que mudou de lá para cá? Em que avançamos? Quais nossas intencionalidades neste projeto?

Como todo grupo de pesquisa, o que move são as inquietações, as dúvidas, as invocações que emergem de nosso contato com a realidade, com o cotidiano da vida somados ao desejo de integrar saberes provenientes de diferentes perspectivas, de diversas histórias de vida e de investigação.

Depois do primeiro Dossiê, surgiu e proposta de um encontro presencial por parte de seus autores colaboradores. Ansiávamos por um encontro de trabalho presencial em Portugal, em meados de 2020, para alinharmos os passos seguintes. A pandemia frustrou essa possibilidade, mas não impediu que promovêssemos a integração de forma remota. Em outubro de 2020, pela modalidade virtual, consolidou-se o Coletivo Motricidade Vital, tendo como membros fundadores: Dr.^a Eugenia Trigo (Galícia – Espanha); Dr.^a Helena Gil (Porto – Portugal); Dr.^a Marta Genú (Belém – Brasil); Dr. José Pazos Couto (Galícia – Espanha) e Dr. Sérgio Santos (São Paulo – Brasil).



¹ Revista Internacional d'Humanitats, Ano XXII - N. 46-47 – mai-dez 2019. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih46/index.htm>>. Acesso em 01 jul de 2021.

Acima está o logotipo do CoMoVi, inspirado no conceito de *co-moção*². Além de atender também a coerência com as siglas iniciais das três palavras que identificam o grupo de pesquisa, a imagem do dente de leão apresenta-se como a metáfora do compartilhamento das essências, que o vento leva para chegar a solos fecundos e abertos a acolher novas ideias.

O CoMoVi assume, desde então, o projeto de organizar as bases de uma nova ontologia regional, ou seja, um braço do paradigma da complexidade proposto por Edgar Morin.

O Dossiê é, portanto, a mostra pública dos resultados dos estudos desse coletivo, que não apenas traduz os últimos meses de investigação e trocas de experiências em nossos encontros remotos, mas o que floresce a partir dos anos dedicados à motricidade em diversos âmbitos da vida de cada um de nós.

Não podemos deixar de considerar a importância da obra e da pessoa de Manuel Sérgio Vieira e Cunha, que permitiu o encontro dos que formam esse coletivo e também a da RIIMH (Red Internacional de Motricidade Humana) e seus membros que, por longo tempo, promoveu estudos e encontros nesse campo do conhecimento humano.

Apresentamos o Dossiê com o artigo “Motricidade humana e a perspectiva sócio-histórica para a Motricidade Vital” onde o CoMoVi traz uma retrospectiva do conceito de Motricidade Humana e os desdobramentos que levaram à proposição de uma nova ontologia regional denominada Motricidade Vital.

O artigo que segue, da autoria de Eugenia Trigo e Marta Genú Soares, “Do movimento e da ação intencional em percurso cartográfico do pensamento científico”, destaca a metodologia cartográfica como estratégia de exploração epistemológica do fenômeno da motricidade.

O terceiro estudo, proposto por Sergio Oliveira dos Santos, “A rede de sentidos e a tríade experiência, narratividade e interpretação”, ocupa-se de revelar, em proximidade com a vida cotidiana, a rede de sentidos e suas possibilidades de modulação pela integração entre a experiência, a narratividade e a interpretação. Sugere ao final que a consciência não é uma substância ou algum lugar específico do corpo humano, mas, por essa perspectiva, um ato vinculado com o mundo, um estado relacional, portanto, motricidade vital.

O artigo de Gerardo Naundorf “De las pandemias biológicas a otro tipo de pandemias” nos convida a pensar que, a situação pandêmica provocada pela Covid-19 não se resume tão só a um fenômeno biológico, mas, partindo dele, é dever perguntar

² Em Santos (2016, p. 175-176), *Comover*, do Latim *Commovere*, i.e., “mobilizar, mover conjuntamente” onde “com” traz o sentido de “junto” e “movere” o sentido de “mexer, deslocar, agitar”. Tal etimologia permite dizer que o modo *co*-implicado de *ser-motricio* que defendemos é um ato de “co-moção”. A “co-moção” (mover com) responde a uma das mais intrigantes e fascinantes dimensões do *ser-motricio*, i.e., uma atmosfera existencial onde se vê implicado com o si mesmo, com o outro e com o mundo. Um afeto que reconhece o esforço na busca de *ser-mais* em interação. Estado volitivo que leva em conta que o indivíduo é mesmo importante para si próprio e que sente prazer em compartilhar sua realização. Onde o *ser-motricio* sente que há uma consonância, uma vibração, um clima *criativo-lúdico-projetivo*, revelador de um diálogo entre o próprio ser e os outros seres. Uma vibração em todo o ser, que perdura como energética necessária para a práxis criadora. Um fio condutor em direção à plenitude de seus possíveis. Energia necessária para que o esforço não se dissolva, mesmo diante das adversidades e de todo esforço de superação, que só existe perante um outro *ser-motricio*. A *co-moção* é como um “estado de enriquecimento mútuo” (LÓPEZ QUINTÀS, 2016, p. 11), como segue o autor afirmando: “O valor mais elevado de nossa existência, ou seja, a maior fonte de nosso desenvolvimento pessoal é o encontro, ou, para dizer de modo mais geral, é a criação de modos elevados de unidade. Acabamos de descobrir o ideal de nossa vida, que é o ideal de unidade. O ideal não é uma simples ideia, é uma ideia motriz, dinamizadora, transformadora” (LÓPEZ QUINTÀS, 2016, p.12).

sobre outras formas pandêmicas, como a negação da ciência, do movimento antivacina, da destruição do meio ambiente, do racismo, a perda da ética, da moral e dos princípios de cidadania que – como nos mostra –, dificultam a tomada de consciência vital e nosso compromisso com a vida em totalidade.

O artigo de Rui Josgrilberg e Eduardo Okuhara, “Incidências da “nova ontologia” de Merleau-Ponty sobre o conceito de “Motricidade Vital”, a partir do enfoque na fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty, propõe uma discussão sobre a motricidade como dimensão ontológica enquanto instância essencial à vida, tecendo ao longo do texto, a argumentação de que o se mover no mundo pode se transmutar como incidências de apropriação de ações, hábitos e sentidos sensíveis que implicam numa nova ontologia com sentidos vitais, sensíveis de si e sentidos existenciais.

Intitulado “Corporeidade, fenomenologia e psicanálise: os teatros do corpo” o Dossiê recebe o artigo de Iraquitã de Oliveira Caminha, que nos brinda a possibilidade de integrar as visões de Merleau-Ponty, Freud e McDougall para pensar a corporeidade humana na formação da subjetividade. O estudo nos mostra que o processo de nos constituirmos sujeitos é realizado por meio de interações intercorpóreas que, originalmente, são estabelecidas pela experiência de se fazer presente ao outro pelas atuações teatrais do corpo. Somente depois, essa experiência toma a forma de representações simbólicas.

No estudo, “Motricidade Vital: uma nova ontologia regional”, proposto pelo CoMoVi, faz-se a opção de publicação nas versões em língua portuguesa e em castelhano, assim ampliamos o acesso aos leitores. O texto objetivamente expõe os princípios e constructos da Motricidade Vital a partir de cartografias, construídas na relação direta com a práxis de seus elaboradores.

Os textos de Eugenia Trigo “LUMOCRET, mi praxis creadora”, de Marta Genú Soares “A imersão na práxis criativa como construção da Motricidade Vital” e de José Maria Pazos Couto “Construcción de una praxis desde la historia de vida profesional hacia la Motricidad Vital”, permitem ao leitor observar as aproximações entre as cartografias da Motricidade Vital e a práxis dos autores. É um modo de constatar que a Motricidade Vital não é um discurso teórico, nem tampouco uma prática fragmentada, mas a revelação de novos caminhos coerentes com a vida em totalidade.

Referências

- LÓPEZ QUINTÁS, A. *O conhecimento dos valores: introdução metodológica*. São Paulo: É realizações, 2016.
- SANTOS, S.O. A educação do ser-motricio e a práxis criadora. *Tese* (Doutorado em Educação) Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1590>